

O sentimento de si como arte de notar: fabulações corporais do holobionte

Renata de Oliveira Ramos¹

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre o deslocamento do sentimento de si a partir das descobertas sobre o microbioma humano e das fabulações artísticas que emergem em torno do corpo-holobionte. Partindo de uma trajetória pessoal que atravessa os imaginários do corpo-máquina e do corpo-código, argumenta-se que o paradigma ecológico inaugurado pelos estudos do microbioma redefine sensivelmente a experiência corporal. Mais do que reconhecer que o corpo é composto por múltiplas espécies, trata-se de desenvolver modos de atenção capazes de perceber essa multiplicidade. A partir de autores como Georges Vigarelli e Anna Tsing, e de artistas como Joanna Ricou, Flávia Pinheiro e Sonja Bäumel, o texto investiga como práticas artísticas contemporâneas operam como dispositivos de percepção e fabulação, convidando-nos a experimentar o corpo como campo relacional. Inspiradas nas “artes de notar” de Tsing, essas obras nos ensinam a deslocar o olhar do indivíduo para o entre, do visível para o sensível, do eu para o nós. O sentimento de si, nessa perspectiva, deixa de ser experiência da interioridade e passa a ser exercício de co-percepção: uma arte de notar as interdependências microscópicas que nos compõem e que sustentam a vida. O artigo sugere, assim, que imaginar o corpo como holobionte é também imaginar novas formas de viver, cuidar e coexistir em tempos de colapso ecológico.

Palavras-chave: holobionte; artes de notar; microbioma humano; fabulação; poéticas corporais

* * *

Sou uma mulher nascida nos anos 70 e, como tal, atravesssei algumas mutações do imaginário corporal ocidental. Assisti séries como *Homem de 6 Milhões de Dólares* e *Mulher Biônica*, onde o super-humano se constituía a partir de próteses mecânicas incríveis que ampliavam a força de seus membros e sentidos. Força sobre-humana,

¹ Doutoranda do Núcleo de Subjetividade do PPG em Psicologia Clínica da PUC/SP

audição ampliada, visão telescópica, sempre um corpo-máquina, aperfeiçoado pela engenharia.

No início dos anos 90, com a escola, visitei em Belo Horizonte um laboratório de genética onde Sérgio Pena e sua equipe começavam a realizar exames de DNA — um dos primeiros da América Latina. A genética nuclear ditou a virada no imaginário a respeito do corpo humano, que afastava-se da máquina como conjunto de órgãos a serem substituídos ou melhorados por dispositivos externos, e aproximava-se de um código a ser decifrado, uma sequência de informações que conteria, em si, a verdade da vida.

Daí em diante, foi sob a predominância desse imaginário, com suas práticas e metáforas específicas que vivemos, com a convicção de que compreender o DNA seria como decifrar o humano, da saúde à doença, da herança à personalidade. Tempos de ovelha Dolly a ocupar o noticiário, junto com a novela *O Clone*, exibida no Brasil entre 2001 e 2002, explorando as questões éticas subjacentes à promessa de que seria possível criar a vida.

Também no começo dos anos 2000, houve um remake da série *A Mulher Biônica*, para seguir no mesmo exemplo, em que a protagonista já não recebia apenas próteses: seu corpo era atravessado por nanotecnologias que atuavam no nível genético, corrigindo defeitos, acelerando processos de reparação, ampliando sua capacidade de regeneração. Assim se consolidava a metáfora dominante do corpo como hardware, regido por um software invisível, o genoma. E, como afirma David Le Breton, um corpo que parecia desde sempre condenado à obsolescência, à espera de atualização, sempre incompleto diante das promessas da biotecnologia.

Em 2003 se deu a conclusão do Projeto Genoma Humano. E, no entanto, o resultado ficou aquém das expectativas: não havia um “código da vida” que pudesse, sozinho, explicar o humano. A decifração do genoma revelou-se insuficiente para dar conta da complexidade dos corpos.

Se o resultado ficou aquém do imaginado, as tecnologias de sequenciamento criadas para o *Projeto Genoma* foram muito bem sucedidas, e em 2007, iniciou-se o *Projeto*

Microbioma Humano (HMP), com a proposta de mapear não apenas os genes humanos, mas também dos micro-organismos (bactérias, fungos, vírus e protistas) que habitam e compõem cada corpo, e entender seu papel na saúde humana.

O sequenciamento do microbioma, na esfera desse projeto, terminou em 2012 e apresentou ao mundo novidades surpreendentes. Descobriu-se que as células microbianas ultrapassam o número de células humanas numa proporção de dez para um. A partir de então, os estudos sobre o microbioma humano se expandiam enormemente, inaugurando um novo entendimento sobre o corpo, que passa a ser considerado não apenas um indivíduo, mas uma composição de seres em constante negociação entre si e com o ambiente. A essa composição dá-se o nome de holobionte².

Desde a primeira vez que me deparei com o conceito de microbioma humano, pensei: como todas as pessoas não estão falando sobre isso? Ao procurar informações geralmente me deparava com artigos médicos que afirmavam a importância da manutenção de uma flora bacteriana multipla no corpo humano, ou livros de divulgação científica que apontavam doenças advindas do desequilíbrio dessas interações. O Livro *10% Humano*, de Alanna Collen, é um desses textos, que associa males como alergias, diabetes e autismo, ao uso descontrolado de antibióticos. Mas, eu pensava, e as implicações subjetivas? E filosóficas? Será essa a nossa 4ª ferida narcísica³, depararmos com a ínfima porcentagem de material genético humano nesse pacote animado a que chamamos corpo e identificamos tão fortemente ao nosso eu? Algumas novidades da ciência têm o poder de propiciar uma virada paradigmática, quando não se trata de novas respostas que aprofundam o entendimento, mas de novas perguntas que reordenam a forma de conhecer. E eu suspeitei que o microbioma humano seria uma dessas novidades.

2 O termo holobionte foi popularizado pela bióloga Lynn Margulis para descrever a unidade ecológica e evolutiva formada por um hospedeiro e suas comunidades simbiotes. O conceito desafia a noção de indivíduo e enfatiza que corpos são ecossistemas complexos e que a interdependência não é mera contingência, mas uma força vital.

3 Se Copérnico nos tirou do centro do universo, Darwin do topo da criação e Freud do controle absoluto da própria mente, o microbioma nos desaloja da soberania sobre o próprio corpo. Já não somos nem mesmo uma individualidade genética 'pura', mas um consórcio de cooperação vital com incontáveis outros.

E desde então, dá-se que, com esse outro entendimento de corpo emergem, também, novos vocabulários, metáforas e práticas corporais. A guerra contra micróbios e todo o vocabulário médico acionado por ela deixa de ser a única possibilidade de relação com o outro-em-nós e a medicina passa a reportar a modulação de populações bacterianas do organismo, expandindo vocabulário da ecologia para o interior do corpo. O corpo, antes pensado como máquina ou código, passa a ser visto como ecossistema.

As pesquisas sobre o microbioma humano vêm crescendo de maneira impressionante. Para se ter uma ideia da escalada de pesquisas, em 2017, havia cerca de 30 mil artigos indexados na base PubMed sobre o tema. Hoje, esse número está em torno de 180 mil. Essa explosão de publicações mostra que não se trata apenas de um nicho de investigação científica, mas de um campo em franca expansão, que mobiliza diversas áreas — da medicina à psicologia, da nutrição à ecologia, para ficarmos apenas no âmbito da saúde.⁴

Essa presença também se faz sentir no cotidiano. Nas farmácias brasileiras, a prateleira destinada aos probióticos se multiplicou em poucos anos, sinalizando não apenas um mercado promissor, mas também uma nova sensibilidade em relação ao corpo, que precisa ser cultivado, alimentado, povoado de micro-organismos que passam a ser aliados e não apenas inimigos a serem combatidos.⁵

Trata-se de um novo paradigma corporal que vem se somar e acrescentar algo sobre as dores e desastres cultivados pelo paradigma do corpo-indivíduo: cisão entre o eu e a capacidade de se conectar com as forças ativas do mundo, adoecimento psíquico e

-
- 4 Nos primeiros anos, os estudos do microbioma humano se concentraram sobretudo no mapeamento taxonômico e funcional — identificando os microrganismos presentes e seus genomas. Mais recentemente, porém, o foco tem migrado para as interações entre espécies microbianas e entre micróbios e hospedeiro — com o esforço de inferir redes ecológicas, fluxos metabólicos e mecanismos de cooperação ou competição interespecíficos no microbioma humano (Dohlman & Shen, 2019; Ling et al., 2019).
- 5 No Brasil, os probióticos são regulamentados pela Anvisa como suplementos alimentares, não como medicamentos. Isso significa exigências regulatórias mais brandas: não é necessária prescrição médica para consumo, os critérios de eficácia são menos rigorosos que os aplicados a fármacos, e o processo de registro é simplificado. O resultado é a ampla circulação desses produtos sem acompanhamento clínico, favorecendo um mercado em expansão contínua. Para a indústria de suplementos, trata-se de uma verdadeira mina de ouro, sustentada pelo apelo simbólico de “reforçar a imunidade” e “cuidar do intestino” — slogans que ganharam espaço no imaginário coletivo.

destruição do planeta. Corpo que reforçou por tanto tempo o individualismo e o medo do outro, o sentido de excepcionalismo humano, a solidão, a paranoia, a angústia de almejar a superfuncionalidade e uma alucinada juventude expandida. Vemos emergir esse novo paradigma e um novo imaginário por fazer, que aciona em nós outras possibilidades de imaginação corporal, enquanto ainda perdura, no senso comum, a noção do corpo como hardware.⁶

O deslocamento da metáfora corporal da máquina para a do ecossistema não é apenas epistemológico, mas também sensível, convidando-nos a recriar a percepção do corpo. É nesse cenário que buscamos aproximar a pesquisa científica das práticas artísticas contemporâneas. Se nas ciências da saúde os estudos sobre o microbioma humano aparece como desafio epistemológico, nas artes eles se apresentam, em grande medida, como dispositivos de fabulação. Artistas como Joanna Ricou, Flavia Pinheiro, Sonja Bäuml e Anna Dumitriu trabalham diretamente com esse campo, tensionando modos de perceber e imaginar o corpo. Para elas, o microbioma deixou de ser apenas objeto de investigação científica para se tornar matéria estética e política.

Essas obras ativam novas máquinas de imaginar, além de uma espécie de pedagogia sensível: fazem-nos experimentar, de forma estética, aquilo que os dados científicos ainda não conseguem traduzir completamente. O corpo, aqui, não é indivíduo nem código, mas multiplicidade. Algumas obras me parecem exemplares nesse movimento de deslocar o imaginário corporal.

A artista portuguesa radicada nos EUA, **Joanna Ricou**, em *The Other Selves* (2014), propõe uma guinada na prática cotidiana do autorretrato. Em vez de registrar o rosto ou a imagem corporal a partir da fotografia, ela coleta amostras de

6 É importante considerar que não se trata de uma passagem linear entre paradigmas. As metáforas corporais se sobrepõem e se reconfiguram ao longo do tempo, de modo que múltiplas concepções do corpo coexistem em nosso imaginário e em nossa linguagem cotidiana. Ainda falamos que o coração bombeia o sangue, e pensamos nas artérias e veias como canais, heranças do corpo-máquina do século XVII, enquanto noções como *energia*, *metabolismo* e *homeostase* ecoam o corpo termodinâmico da biologia do século XIX. Mais recentemente, o corpo passou a ser compreendido como *hardware* de um *código genético* a ser decifrado, mapeado ou reprogramado. Essas metáforas e imaginários corporais não substituem as anteriores, mas convivem com elas, compondo um palimpsesto de imagens — mecânicas, energéticas, informacionais e simbióticas — que seguem produzindo sentidos, práticas e políticas do vivo.

microrganismos que habitam a superfície da pele, mais especificamente o umbigo dos visitantes da exposição e os cultiva em placas de Petri expostas na galeria. O que emerge é um retrato feito de colônias em crescimento, onde o “eu” é os nossos simbiontes em proliferação. O título da obra, *The Other Selves*, revela-se, ele próprio, um dispositivo de fabulação. É difícil traduzi-la precisamente. “Outros eus” mantém a centralidade do eu, outros de mim já é um pouco mais interessante. A artista cria algo que “perturba”, selves que são other, 'sis' que são 'outros'. Este paradoxo linguístico, que só encontraremos mais adiante uma possível tradução no conceito de 'si-tantos', já anuncia uma selfie que se dá na negociação com presenças não humanas. Porque sonoramente próxima de selfie, a obra subverte a lógica do autorretrato digital: em vez de capturar a imagem estável de um 'eu', ela cultiva a imagem em processo de uma comunidade de 'outros'. Ela não captura uma pretensa identidade estável, mas a multiplicidade em processo que constitui o corpo.

O projeto **Biota Beats**, do laboratório de biologia de comunidades da EMW Street Bio em 2016, converte o microbioma em som. Culturas microbianas em placas de petri modificadas, semelhantes a discos de vinil são lidas e “tocadas”, gerando composições que soam estranhas e familiares ao mesmo tempo. O microbioma se dá aos ouvidos, mais que aos olhos, desafiando a tradição moderna que prioriza o visual nas tecnologias de produção de evidências científicas. O corpo se aproxima de uma paisagem sonora, ressoando a dimensão relacional tanto da arte quanto da vida microscópica.

A coreógrafa brasileira **Flavia Pinheiro**, em seu espetáculo *Bactéria Magnífica*, exibido no SESC 24 de Maio em 2023, leva ao palco a experiência de um corpo em diálogo com processos microbianos. Com gestos coreográficos amebóides e fabulação bacteriana, ela encena a contaminação como potência, povoando o palco ao convidar os espectadores a compor a paisagem cênica e colocando em xeque as narrativas higienistas e bélicas que marcam o imaginário moderno. A frase: “de que lado você está na guerra antibiótica que vem sendo travada?” ecoa pelo teatro algumas vezes. Seu trabalho faz da proliferação uma estética e uma política, trazendo à cena a vitalidade excessiva que escapa ao controle e os impasses que isso supõe, abrindo a possibilidade

de uma nova microbiopolítica.

O termo, útil aqui para pensar o governo da vida em nível microscópico, encontra eco direto na análise da antropóloga Heather Paxton sobre os debates em torno do queijo de leite cru nos Estados Unidos. Em seu artigo *Post-Pasteurian Cultures*, Paxton demonstra como a regulação estatal, baseada em um paradigma de guerra aos patógenos, buscou erradicar os riscos através da pasteurização, silenciando os saberes que lidam com os microrganismos como parte de uma relação de cuidado e terroir. A pergunta da artista — "de que lado você está na guerra antibiótica?" — opera uma virada semelhante. Ela torna visível o conflito entre duas microbiopolíticas: uma, baseada no combate e na esterilização, e outra, insurgente, que a coreógrafa encena, baseada na composição e na negociação com a vida microbiana como condição para uma existência potente.

Já a artista austríaca **Sonja Bäuml** cria instalações e performances que exploram os limites do corpo humano na relação com o universo microbiano que o constitui. Como, por exemplo, cultivando microrganismos em tecidos ou superfícies que se expandem diante do público. Sua pesquisa recente se dedica a pensar o *quorum sensing*, um mecanismo de comunicação química que permite às bactérias perceberem densidade populacional e coordenarem ações coletivas no interior do organismo. Ao trazer essa ideia para o campo artístico, Bäuml abre a possibilidade de imaginar o corpo como espaço de negociação e linguagem compartilhada entre espécies.

Essas obras, em sua diversidade, operam como dispositivos sensíveis que nos obrigam a experimentar o corpo como multiplicidade. Elas o deslocam radicalmente do excepcionalismo humano e dão a ver (e a ouvir) os simbioses que nos constituem. Cada uma, à sua maneira, desloca o olhar para práticas de escuta, fabulação e contaminação, semeando imaginários em que o corpo deixa de ser indivíduo para se afirmar como composição. Elas nos convidam a distender o contorno corporal e a exercitar um outro regime sensível, capaz de reconhecer as multiplicidades que nos constituem. Uma outra microbiopolítica, na qual “dizemos nós” com os microrganismos. Essas obras convidam o público a notar o que normalmente passa ao largo

das narrativas dominantes sobre o corpo e a vida.

Ao observar como as bactérias marcam presença em autorretratos (a que se refere esse auto?), produzem sons a partir de sua cultura, coreografam movimentos ou comunicam-se entre si através do quorum sensing, essas obras tornam-se exercícios de percepção que abrem espaço para que novas formas de convivência sejam imaginadas/notadas/percebidas.

As obras apresentadas aqui contribuem para delinear e dar sustentação a esse outro imaginário corporal. Se a ciência moderna descreve o corpo como máquina ou unidade autônoma, elas insinuem um corpo múltiplo, relacional, atravessado por vozes microscópicas e interações mais-que-humanas. Elas funcionam como pequenas práticas de fabulação, que desafiam o olhar moderno que separa natureza/cultura, humano/não-humano, visível/invisível, e nos sensibilizam para outras formas de viver-com. Todas elas ensaiam mundos possíveis, em que o corpo deixa de ser apenas humano e fechado sobre si e passa a ser tecido em simbiose.

No livro *O Sentimento de Si, História da Percepção do Corpo*, do historiador francês Georges Vigarello, o autor investiga como ao longo da história ocidental a noção de "sentir-se" ou o sentimento de si, foi construído e adquiriu densidade histórica e cultural em paralelo ao surgimento e utilização de instrumentos e técnicas como o espelho, o termômetro ou a fotografia, que redefiniram o que é "visível" e "perceptível" sobre si, enquanto normas sociais de higiene e beleza produziram padrões de autocuidado que alteraram a experiência corporal.

Vigarello nos lembra que aquilo que chamamos de 'sentimento de si' é sempre histórico: ele varia com as tecnologias e os imaginários que modulam o que o corpo percebe como 'próprio'. Ele descreve as práticas, saberes e dispositivos que moldam essas transformações, condições de possibilidade médicas, sociais, estéticas e técnicas que, deslocadas da alma, amalgamam-se ao próprio corpo.

Na história do Ocidente, portanto, o corpo foi progressivamente se tornando cada vez mais individualizado, delineando-se um corpo unitário, descrito e experimentado a partir de metáforas informacionais e da genética, de imaginários bélicos de uma certa

vulgata da imunologia e de práticas francamente eugenistas, cujo interior é estéril e sempre em busca de superar a si mesmo através de reprogramações de seu software e de lutar contra doenças defendendo suas fronteiras de tudo que seja não-eu: o outro, o externo vistos como risco. Frente a esse horizonte empobrecido, o corpo-holobionte aparece como deslocamento radical: não uma unidade a proteger ou a programar, mas um emaranhado a compor.

Talvez estejamos assistindo a um possível deslocamento do “si”, que passaria a incluir a rede interespécies de que nossos corpos fazem parte, dissolvendo fronteiras rígidas entre eu e outro. Se o corpo é um ecossistema, o “eu sinto” refere-se, também, às redes simbióticas invisíveis, interdependências microbianas, fluxos que me atravessam como populações ou comunidades. Se, por séculos, aprendemos a sentir o corpo como fortaleza, talvez agora possamos experimentá-lo como floresta: permeável, vibrátil e em coabitação.

A redefinição sensível de si, do si-mesmo para o si-tantos, estende a experiência corporal além e aquém da pele, em direção ao múltiplo e ao coletivo. Trata-se de perceber-se parte de um ecossistema dinâmico e colaborativo, ele próprio conectado ao ecossistema terrestre e aos outros corpos-ecossistemas. Seria esse momento atual, o surgimento, no pensamento ocidental, de uma via de possibilidade de reconexão do homem ao cosmo? Uma conexão à altura do desafio de lidar com o desastre climático e as consequências catastróficas do antropoceno?

Nesse sentido, esse convite se alinha ao que Anna Tsing nos faz, em seu livro *O Cogumelo no Fim do Mundo*, para que experimentemos no corpo o que ela chama de artes de notar: modos de atenção que permitem ver as interdependências e emergências nos interstícios da vida. Ela afirma que o vício no humano e nas narrativas de progresso nos impede de perceber “as manchas nas paisagens, as temporalidades múltiplas e as assembleias instáveis entre humanos e não-humanos, a matéria mesma da sobrevivência colaborativa.” (TSING, 2022, p. 63). Perceber que o corpo, assim como a vida do planeta, é interação entre múltiplos seres, requer, a princípio, que nos mantenhamos em estado de curiosidade, “primeiro requisito para a sobrevivência colaborativa em tempos

de precariedade.” (TSING, 2022, p. 41). Exercer uma arte de notar exige tempo, paciência e sensibilidade para perceber que o corpo não é unidade isolada, mas campo relacional em processo permanente. Desviar da percepção hiperfocada no humano e criar novos sensíveis que se conectem a esses outros universos.

Se a modernidade nos treinou a perceber do si (mesmo) especialmente o que reafirma nossa individualidade, os estudos sobre o microbioma, assim como essas obras e experimentos artísticos, nos convidam a perceber interdependências microscópicas, sonoras, coreográficas, químicas. São gestos que alargam o campo perceptivo e nos instigam a sustentar outros imaginários corporais proliferantes, relacionais, porosos.

O sentimento de si da modernidade levou-nos a lutar contra micróbios, contra defeitos, contra a vulnerabilidade ao outro; a buscar a manutenção de uma integridade física que é também a manutenção de um eu isolado e autocontido, um “eu” que se percebe como fronteira, separado do mundo e das demais formas de vida.

Pensar o corpo como holobionte demanda mais do que o simples reconhecimento de que somos povoados por microrganismos e atravessados por relações invisíveis. Exige que se constituam outros sensíveis, capazes de perceber e relacionar-se com essas múltiplas presenças e sentir que a vida em nós que não se reduz à individualidade humana.

Se Anna Tsing propõe o termo artes de notar referindo-se à postura em relação às ruínas da paisagem complexa da terra no antropoceno, acreditamos que esse sensível aproxima-se melhor do que emerge ao concebermos o corpo, também, enquanto campo relacional de espécies, fluxos e interações. Deslocar a percepção corporal do campo de dizibilidade do 'sentimento de si' para o das 'artes de notar' é um gesto de deslocamento do sensível. Esse gesto, que envolve perceber processos e interdependências nos interstícios da vida e reconhecer o que é emergente, provisório e heterogêneo, convoca a atenção para padrões que só se manifestam a quem está disposto a escutá-los e acompanhá-los.

Aplicado ao corpo-holobionte, portanto, esse gesto de atenção permite experimentar, ainda que parcialmente, um sentimento de si que não se limita ao

indivíduo, mas se abre para o *si-tantos*. Essa expressão, que aqui propomos, é uma tentativa de responder em português ao *Other Selves*, de Joanna Ricou: aquele paradoxo linguístico que já encontrávamos em seu trabalho, e que agora se revela como possibilidade de nomear a experiência do holobionte de um eu descentrado que se constitui com, por e através do conjunto de presenças que o atravessam. O desenvolvimento desse outro sensível, então, seria condição para que emergjam imaginários corporais plurais, relacionalmente ricos e ecologicamente enraizados. E acreditamos que a arte possa operar na criação e sustentação desses novos sensíveis e das novas fabulações possíveis a partir dos estudos do microbioma humano.

Tsing enfatiza a importância de perceber o que se passa às margens, processos que não são centrais ou hegemônicos, mas que surgem nas bordas, nos interstícios; observar a interação entre diferentes espécies em florestas secundárias ou em campos perturbados, prestando atenção ao que se manifesta apenas em contextos instáveis. Deslocar o selfie para selves, o rosto para as colônias invisíveis do umbigo, como o faz Joanna Ricou, ou apresentar os sons microbianos que anunciam a pele como continentes de múltiplas populações, cada uma delas com seu tom, ritmo e fluxos bacterianos que normalmente escapam à percepção direta. Ao acionar a audição como sentido nobre que reforça a dimensão de presença e coletividade nas relações entre os corpos, convocam a imaginação a conceber os limites entre dentro e fora do corpo como território borrado e fluido.

Praticar atenção aos tempos e ritmos distintos de seres humanos e não-humanos implica em desacelerar a percepção para captar padrões alheios à cadência humana e à lógica de produtividade. Perceber que cada microrganismo, cada processo biológico, tem seu próprio tempo, numa multiplicidade de escalas.

Num artigo intitulado *The Epistemic Revolution Induced by Microbiome Studies*, é dito que esses estudos trazem uma intenção de usar redes de interação multiescalares como estrutura explicativa capazes de incorporar fenômenos e reconhecer os efeitos causais que emergem das interdependências entre microrganismos, tecidos e ambientes.

Essa mudança de escala ressoa profundamente com o gesto de Sonja Bäümel em

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Entangled Relations — Animated Bodies (Trienal de Milão, 2022), onde projeções, esculturas e ações performativas se entrelaçam para tornar visível o contínuo entre o micro e o macroscópico. Ela buscou desestabilizar as representações tradicionais do corpo (estático) embaralhando escalas dimensionais por acreditar que “nossa ética está fortemente ligada a uma falsa compreensão da grandeza da raça humana”. A isso, incorpora a coexistência de múltiplos tempos e agentes no mesmo campo vital, enfatizando a performance como linguagem privilegiada para abordar o corpo humano. Numa coreografia entre espécies e escalas, a artista convoca o público a ultrapassar o “contenho multidões” de Whitman para *ser* multidão *com* as bactérias, transtornando os limites interespecíficos, assim como nossa pretensa unidade corporal.

As assembleias de que fala Anna Tsing talvez se inscrevam no mesmo impulso: o de perceber a polifonia vital, aliando-se a espécies companheiras e afirmando encontros heterogêneos em composições precárias e criativas. A ecologia das relações entrelaçadas, tanto nas comunidades microbianas, quanto nas práticas humanas, exige novas formas de atenção e convivência. Em Bäuml, em Tsing e nas pesquisas biológicas contemporâneas acerca do microbioma humano, o mundo aparece menos como sistema estável e mais como constelação vibrátil de interações multiescalares.

Estimular a percepção para acolher e acompanhar a multiplicidade sem reduzi-la a um único padrão explicativo, implica reconhecer que qualquer evento, gesto ou alteração no corpo holobionte, é efeito de uma constelação de agentes. Cada qual com sua história, temporalidade e forma de agir no mundo. Reconhecer que um corpo emerge atravessado por projetos de fazer mundos humanos e não humanos que se sobrepõem e transformam-se uns aos outros. Experimentar o corpo como assembleia interespecífica é deslocar a percepção do que reforça a forma-indivíduo e notar os projetos divergentes, sobrepostos e conjuntos que tecem mundos.

Práticas de cuidado e co-presença se tornam modos de entrar em relação com o que nos habita: notar, como propõe Anna Tsing, é um exercício de co-habitar. Envolve modos de estar junto, de deixar-se atravessar, de sustentar o contato.

Projetos como *Biota Beats* materializam essa disposição relacional. Nele, a música,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

enquanto sistema semiótico, promove outras políticas de atenção e de presença, distintas daquelas dominadas pela imagem. E, nesse projeto, a música em questão é o hip hop, que mobiliza um repertório sógnico e afetivo próprio. Segundo os próprios artistas, eles buscam a criação de comunidade, de transferência e troca, “numa celebração da arte, da ciência e da vida em todas as suas formas.” Entre linguagens, instituições, entre grupos, espécies, entre sistemas sógnicos. O projeto reúne uma equipe multidisciplinar composta por biólogas, artistas, engenheiros, produtores, e envolve crianças e adolescentes da comunidade local. Um DJ mixa os sons das culturas bacterianas.

A arte torna-se, assim, uma prática de cuidado expandido na qual perceber, criar e conviver são gestos indissociáveis. Crianças ocupam o espaço do laboratório/galeria, compartilham suas companheiras bactérias e ouvem-se como música. A obra se dá nos encontros: entre laboratório, artistas, crianças e músicos; nos dispositivos mobilizados para que esses encontros se tornassem possíveis; nos procedimentos de coleta do microbioma, nos gestos e nas negociações; nos desenhos constituídos nas placas de culturas; na criação de materiais e procedimentos; na música produzida; ao se ouvir o som da cultura das bactérias, coletiva ou individualmente; nas trocas de conhecimento e de afetos. No visível, no invisível, no material e no imaterial, no audível e no inaudível, na experiência e nas políticas de afeto e de atenção constituídas.

Se a arte contemporânea, em geral, busca se afastar dos cânones da modernidade, nos trabalhos que trazem o microbioma para o centro das experimentações isso se torna praticamente uma regra. Eles recorrem, assim como o projeto Biota Beats, a sons, performances, coautoria com público e bactérias em obras-processos realizadas em cooperação com os micro-organismos. São obras vivas e abertas aos ritmos e durações das espécies companheiras em processo de tornar-se-com.

Essas obras instalam-se em zonas de vizinhança entre operações artísticas e práticas científicas. Elas borram fronteiras entre as áreas, estetizam a ciência e afirmam a arte como campo de produção de saberes. Convidam o corpo a se perceber como si-tantos, propondo novos modos de habitá-lo condizentes com a experiência de sermos holobiontes. Um sentimento de si que é arte de notar, relacional, porosa e pluriversal,

capaz de acolher múltiplas presenças e modos de existência.

Observar as interações entre espécies, ou entre processos de naturezas distintas, não significa apenas registrar dados, mas ensaiar possibilidades. Fabular é também um modo de conhecer. Tsing fala da fabulação como uma forma de imaginar mundos possíveis a partir de encontros precários; do mesmo modo, certas práticas artísticas e científicas experimentam o corpo como laboratório sensível, ensaiando outras coreografias de convivência.

Diante da guerra antibiótica que ainda estrutura tantas práticas contemporâneas, fabular cooperativamente é um gesto político e vital: imaginar futuros nos quais coexistir não é ameaça, mas condição de florescimento. Uma fabulação que vem ganhando espaço e que serviu de base para os estudos do microbioma humano, é a da teoria da simbiogênese. Lynn Margulis, personagem central dessa perspectiva, afirmava que o mecanismo essencial da evolução não seria a luta pela sobrevivência, mas a cooperação. Essa virada pode produzir vias de relação mais implicadas com a vida na e da Terra.

O corpo-holobionte inaugura uma ruptura radical que abala o sensível individual produzido pela modernidade colonial, treinado para notar, de si, apenas o que confirma a individualidade humana. É preciso outro sensível, capaz de acompanhar interações microscópicas, ouvir ritmos heterogêneos e apreciar a multiplicidade como constitutiva do próprio sentir-se vivo.

Justamente nesse espaço, as obras de Joanna Ricou, Flavia Pinheiro e Sonja Bäuml e o projeto Biota Beats se tornam decisivas. Elas apontam para outras possibilidades de corpo, outras materialidades e procedimentos, ensinando modos de perceber e sentir compatíveis com a experiência holobionte. Elas mostram que imaginar o corpo de forma relacional não é apenas conceito, mas prática: perceber, fabular, cuidar e coexistir com o que nos atravessa.

Entre ciência e arte, entre microrganismos e humanos, o sentimento de si na contemporaneidade é convocado a tornar-se arte de notar o holobionte: corpo como paisagem, sempre mais que humana, tecida entre projetos de fazer mundos.

Referências Bibliográficas

- BAPTESTE, Eric; GERÁRD, Philippe; LAROSE, Catherine; BLOUIN, Manuel; NOT, Fabrice; CAMPOS, Liliane; AIDAN, Géraldine; SELOSSE, M. André; ADÉNIS, M. Sarah; BOUCHARD, Frédéric; DUTREIL, Sébastien; COREL, Eduardo; VIGLIOTTI, Chloé; HUNEMAN, Philippe; LAPOINTE, F. Joseph; LOPEZ, Philippe. The Epistemic Revolution Induced by Microbiome Studies: An Interdisciplinary View. *Biology*. 2021; 10(7):651. <https://doi.org/10.3390/biology10070651>
- BIOTA BEATS. *The Human Microbiome Music Project*. EMW Street Bio Lab, 2016. Disponível em: <https://www.emwstreetbio.org/biotabeats>. Acesso em: 18 out. 2025.
- Cornwall, Celine. Navel gazing: portraits of the bacteria in our belly buttons – in pictures. *The Guardian* Qua 24 fev 2016. 07:00 GMT . Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2016/feb/24/navel-gazing-portraits-of-the-bacteria-in-our-belly-buttons-in-pictures> Acesso em: 26/09/2025
- DOHLMAN, A. B.; SHEN, X. *Mapping the microbial interactome: Statistical and experimental approaches for microbiome network inference*. *Current Opinion in Microbiology*, v. 50, p. 42–49, 2019. DOI: 10.1016/j.mib.2019.09.009.
- FAINTUCH, Joel. (org.) *Microbioma, Disbiose, Probióticos e Bacterioterapia*. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2025.
- HARAWAY, Donna. *Quando as Espécies se Encontram*. São Paulo: UBU, 2022.
- LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- LING, X.; WATANABE, K.; OKUDA, S. *The human gut microbiome is structured to optimize molecular interaction networks*. *Computational and Structural Biotechnology Journal*, v. 17, p. 783–790, 2019. DOI: 10.1016/j.csbj.2019.06.002.
- MARGULIS, Lynn. *Planeta Simbiótico: um novo olhar para a evolução*. 2ª ed. Rio de

Janeiro: Dantes Editora, 2022..

PAXSON, Heather. *Post-Pasteurian Cultures: The Microbiopolitics of Raw-Milk Cheese in the United States*. Cultural Anthropology, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 15–47, 2008. Disponível em: <https://www.sertaobras.org.br/wp-content/uploads/2015/03/Paxson-Cheese-PostPasteurianCultures.pdf>. Acesso em: 04 out. 2025.

RICOU, Joanna; DUNN, Robert R. *Identidades híbridas: explorando individualidade e conectividade através do microbioma*, MIDAS [Online], 5 | 2015, Online since 02 December 2015, connection on 10 October 2024. URL: <http://journals.openedition.org/midas/848> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.848>

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História.In: *Cadernos de subjetividade*. Núcleo de estudo e pesquisa da subetividade – Programa de estudo de pós-graduação em psicologia clínica – PUC/SP, 1995. p. 243-266.

SONJA BAUMEL. Site da artista. Disponível em: <https://www.sonjabaeumel.at/> Acesso em: 20/09/2025.

TSING, Anna L.O *Cogumelo no Fim do Mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VIGARELLO, Georges. *O Sentimento de Si*. Petrópolis, RJ:Vozes, 2016.